

"Deus quer, o homem sonha, a obra nasce."

[...] Os eventos deste silogeu têm um significado não só cultural, mas simbólico: estar juntos em torno do conhecimento e da preservação de nossos mais caros valores, é uma realização do ritual mágico dos nossos ancestrais mais longínquos - quando se reuniam, em torno da fogueira, para celebrar a vida e suas crenças, e relembrar seus feitos, sua história e, dessa forma, mantendo viva a memória e a tradição.

O fogo que nos une é o fogo do saber... a magia que nos encanta e nos mantém vivos e esperançosos - é o poder luminoso e transformador das palavras. A linguagem é o que nos define como seres humanos. Sem ela não seríamos e não poderíamos exercer a experiência fascinante e constitutiva do convívio e da partilha. Sem ela não haveria a arte, a ciência, a política... Não haveria a cultura.

Pela palavra e seu poder de ser que estamos aqui. Reunidos para celebrar a chegada de uma mulher que consagra sua vida profissional ao cultivo do verbo - e o faz para servir à sua missão e à sociedade. A partir desse momento, incorpora-se à casa de Péricles Moraes e Adriano Jorge, passando a partilhar conosco a responsabilidade de trabalhar pelo enriquecimento de nosso patrimônio cultural e pelo fortalecimento de nossas tradições artísticas e do idioma pátrio.

Escritora Mazé Mourão, a mim foi atribuída a responsabilidade de recebê-la neste momento que não só marca a sua chegada, mas o acolhimento e seu batismo como a mais nova iniciada nos ritos e responsabilidades da vida acadêmica. Sei do significado que este momento representa para a sua história e espero que o mesmo represente um sopro de entusiasmo para que possas continuar realizando a sua obra e trabalhando a favor da cultura e da informação imparcial de seus leitores. [...]

Meus senhores, minhas senhoras, Esta celebração tem outro significado que não poderia deixar de registrar. As atividades intelectuais, pelas circunstâncias sociais e morais, foram durante séculos atributos quase que exclusivos do gênero masculino. Felizmente, com o acesso das mulheres à educação e ao trabalho, essa realidade foi superada: Este momento é emblemático dessa história e do processo de conquista de espaço e reconhecimento por parte do

A exemplo do que aconteceu na Academia Brasileira de Letras, desde a chegada de Rachel de Queiroz nossa casa abre suas portas para receber as mulheres de nossa terra que se dedicam às atividades do pensamento. Sua presença, fortalecida pela contribuição intelectual das escritoras Rosa Mendonça de Brito e Carmem Novoa, enriquece nosso convívio. [...]

Prescrutando seu itinerário existencial percebi que não chegaste até aqui por acaso, ou como se diz, sem pagar o seu tributo à vida. Afinal, na caminhada tudo tem um preço. A vitória ou a derrota dependerão de nossa capacidade de vencer os percalços e provações. Acompanhando seu caminhar e os fatos que o marcaram, concluo que este momento é o prêmio que recebes da providência pela perseverança e coragem que tivestes na travessia. [...] a graduação em Comunicação, na Faculdade Hélio Alonso, do Rio de Janeiro; e todo esforço de aprimoramento acadêmico - em Cinema, Marketing, Assessoria de Imprensa, Jornalismo Empresarial, Edição de Jornalismo e Telejornalismo. Essa história de busca e autoconstrução encontra sua plena realização nos muitos afazeres profissionais que desempenhou no seu percurso: destacada jornalista, com reconhecida contribuição no Jornal A Crítica, como editora de cultura e cadernos especiais; [...] Sua vida profissional foi enriquecida no exercício de diversas funções: assessoru executiva do setor público e funcionária pública federal.

Sua história não teria sido sem os fundamentos legados por sua família e valores semeados por seus pais no seu coração. [...] e não poderia ser diferente sendo filha de Fneith Paulo Morão e Leonor Santiago, mestres insígnies do magistério amazonense. [...]

Espero, confrreira Mazé Mourão, ter sido digno e correto na apreciação de sua história e de seus feitos. Desejo-lhe sorte e que contribuas para que a nossa Academia cumpra com o seu papel social e histórico. [...]

Em nome de meus pares, reitero nosso júbilo: Se bem-vinda a este silogeu. Receba a nossa amizade e boa acolhida

*Deus quis, sonhaste - e agora te recebemos na casa de Péricles e Adriano...*

Expediente da Secretaria  
Segunda a sexta-feira, das 8h00 às 16h00  
Rua Ramos Ferreira, 1009 - Centro  
69010-120 Manaus - AM  
Telefones: (92)3224-0584  
E-mail: acadam@ig.com.br



Manaus  
Fundação Municipal de Cultura e Artes



## ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS

Fundada em 1.º de janeiro de 1918

Boletim Informativo

Ano XC - nº 3 - março 2011

### Nova imortal

#### Diretoria da AAL

Presidente  
José Braga

Vice-Presidente  
Tenório Telles

Secretário-Geral  
Almir Diniz

Secretária-Adjunta  
Carmem Novoa

Tesoureiro  
Arlindo Porto

Tesoureiro-Adjunto  
Abrahim Baze

Diretor de Patrimônio  
Moacir Andrade

Diretor de Promoções e Eventos  
Cláudio Chaves

Diretor de Edições  
Marcus Barros

Conselho Fiscal  
Lafayette Vieira  
Armando Menezes  
Francisco Gomes

Suplentes  
Antonio Loureiro  
Mário Ypiranga Neto  
Euler Ribeiro

Editora do Boletim  
Rosa Brito

Em noite elegante prestigiada pela sociedade amazonense, Mazé Mourão foi recebida no último dia 15 de março na Casa de Adriano Jorge, sob a presidência do acadêmico José Braga. Noventa e três anos de história da Academia, a jornalista e escritora Mazé Mourão é a quarta mulher a integrar o silogeu amazonense. Formada em jornalismo, a nova imortal comparece há mais de dez anos na imprensa local, especialmente como editora de cadernos especiais, além das crônicas que assina, sobre o cotidiano, algumas reunidas em livro. A novel acadêmica tomou assento na Cadeira 28, de Anibal Theóphilo, que fora ocupada pela poetisa Violeta Branca, primeira mulher a ser ungida imortal, e pelo poeta Anibal Beça. O confrade Tenório Telles proferiu o elogio acadêmico, ressaltando a contribuição de Mazé Mourão ao desenvolvimento cultural de Manaus através da sua tribuna, e a importância de sua produção literária. Em meio a tantas presenças ilustres, homenagem à presidente da Rede Calderaro de Comunicação, professora Rita de Araújo Calderaro, que mantém com esta Casa laços espirituais de antiga amizade pela presença de seu avô Francisco de Araújo Filho e de seu pai André Araújo, nomes estelares do silogeu.



# 93 ANOS DE LETRAS

1918-2011

## AAL

Academia Amazonense de Letras

1918-2011

BERNARDO CARRAL / ANOACH ANGRADO / ANÍLIO MELLO / SEWTOS KARRÁ GUIMARÃES / ALMIR DINIZ /  
RITA BRITO / ALÍDIO TELLETRAS / YETZIR STRIBIRO / JOSÉ BRAGA / MÁRIO VYRANZA NETO /  
MARIUS BARRON / ELSON FARIAS / ABRAJIM BAZI / CLÁUDIO CRAYES / ALCIDINO ALEIXO / TENÓRIO TELLES /  
DEMÓSTHENES CARMINÉ / JORGE LUTZ / LAJAYETTE VIEIRA / FRANCISCO GOMES / YETZIRACETLAR /  
ROBERTO BRAGA / ALENCAR SILVA / AMERSON DUTRA / MARCIO BOUZA / ROBERTO LADRIFF /  
EMERITA PINTO / NAYD SORAI / THIAGO DE MELLO / ARMASTRIDE MENDES / MAX LARPHENTER /  
RUELLINS / CARMEN NOVAIS / ANTONIO LIBREIRO / ARISTÓTELES / IOM LUIZ SOARES / LUIZ MAXIMINO /  
WILLIAM RODRIGUES / SÁBIO MOURÃO / WALDEMAR BAPTISTA



### Fala do Presidente

“A Academia Amazonense de Letras celebra a abertura do Ano Acadêmico de 2011 empossada com as letras que nos vem ofertar a jornalista e escritora Maria José Mourão Gomes – Mazé Mourão, presença assídua e marcante na imprensa de Manaus, há mais de dez anos assinando crônicas e páginas diárias noticiosas e culturais.

Não faz parte da tradição acadêmica mais antiga a presença da mulher no cenário das letras. Modelo e inspiração das congêneres em todo o País, a Academia Brasileira, moldada no modelo francês e fundada em 1897, somente ultrapassaria essa barreira cultural oitenta anos depois ao eleger Raquel de Queiroz em 1977. E foram apenas seis, em cento e quatorze anos de vida da mais prestigiosa instituição cultural do País, as escritoras a alcançarem a consagrada imortalidade na Casa de Machado de Assis. O Amazonas antecipou-se em vinte e oito anos ao feto da Academia Brasileira Criada em 1918, a Academia Amazonense de Letras daria assento à poetisa Violeta Branca Menescal Vasconcelos de Oliveira trinta e um anos depois, em abril de 1949. Não obstante a avançada decisão, foram necessários quarenta e cinco anos de vida acadêmica após o ingresso de Violeta Branca para que outras mulheres ultrapassassem os umbrais da Casa de Adriano Jorge. Em 1993 foi eleita Rosa Menifôrça de Brito, empossada no ano seguinte, e em 1994, eleita e empossada Carmen Novais Silva. Quase um século de história, quarenta espaldares, mais de duzentos escritores, apenas três mulheres a ocupar as poltronas

azuis deste salão. Peço a confrreira Rosa Brito, filósofa e ensaísta, palavras da sua posse na Cadeira de Adriano Jorge na memorável noite de 18 de novembro de 1994: “Faz silêncio esta Casa à obra de outras merecidas inteligências? Deixaram-se as mulheres reprimir pelo determinismo cultural? Ou terá sido o recolhimento em que muitas se acomodam? Mazé Mourão ocupará a Cadeira 28, do Aníbal Theóphilo, que Violeta Branca ilustrou por mais de sete décadas, sucedida pelo poeta Anibal Beça, falecido em agosto de 2009. A posse da jornalista Maria José Mourão Gomes dá-se afortunadamente no mês de março, cujo calendário registra o Dia Internacional da Mulher, e justo no ano em que uma ilustre brasileira alcança a mais alta Magistratura do País. Coincidência ou não, a proximidade do Dia 8 de Março, o fato político transcendente e este ritual de posse da novel Acadêmica são fatos afirmativos da luta persistente e vitoriosa da mulher pela igualdade de direitos e oportunidades entre gêneros na obra interminável de construção do mundo e da vida. Festejemos, pois, com redobrada alegria, este momento de luz, de beleza e de esperança, recebendo para a agradável convivência acadêmica e a persistente vigília das letras a escritora Mazé Mourão. Saudando a todos e a todos agradecendo o prestígio de suas honrosas presenças, declaro aberta esta Sessão Solene.”

(Abertura, pelo Presidente José Braga, da Sessão Solene de Posse da Acadêmica Mazé Mourão, 15/3/2011)

“Busquei várias palavras para iniciar o meu discurso de posse, mas, por prazer ou gosto, vou falar como se estivesse escrevendo uma crônica, estilo literário que consigo dominar! O patrono da Cadeira de número 28, que ora vou ocupar, Aníbal Theóphilo, nasceu em Assunção, mas foi registrado na cidade de Humaitá no Rio Grande do Sul [...] Homem inteligente, sagaz, divertido e que, mesmo depois de ser acometido de uma terrível malária, adquirida no



interior amazônico, retornou, já recuperado, ao vale amazônico para ensinar taboada e o abc aos nossos curumins e cunhamãs. [...] foi assassinado, na saída de um sarau-litero-musical, no hall do Jornal do Comércio do Rio de Janeiro. Porém, reza a lenda que havia uma antiga rixa entre Aníbal e seu algoz, o escritor Gilberto Amado.

A verdadeira história é uma incógnita! [...] Tornou-se inesquecível e digno de mencionar um passeio que Theóphilo fez com o escritor Martins Fontes. Durante a caminhada, vislumbraram uma velha mangueira que de seu caule escorria seiva, contado, com o reflexo do sol, dava a sensação de um arco-íris bailando, ao sabor do vento. Diante de tal tocante visão, os dois amigos deslumbrados, pararam. E, antes que Martins Fontes explodisse em adjetivos, o gênio criativo sussurrou: “Silêncio. A árvore sonha. Chora, sonhando!”

Além do patrono Aníbal Theóphilo, cito, neste momento, a poeta amazonense Violeta Branca, primeira mulher a ingressar na Academia Amazonense de Letras, com 22 anos. Ela também ocupou a Cadeira de número 28. Violeta é detentora de versos fortes, vibrantes, com características contemporâneas para sua época, anos 30, de uma Manaus extremamente provinciana. Seus versos ilustam a alma e a ansia feminina. [...] Violeta publicou dois livros: “Ritmos de inquieta alegria” e “Reencontro”. [...]

E, agora, falemos sobre o acadêmico que estou sucedendo, Anibal Beça. Poeta amazonense que conheci como companheiro de muitas alegrias, gargalhadas e picardias. Traz em seus haicais, músicas e poemas a fortaleza de um lirismo poético, conciso, enxuto que traduzem toda a sua vitalidade intelectual ao retratar o Amazonas, o amor pelos nossos rios, a paixão pelas nossas iguarias, os amores entre homens e mulheres como dizem os jornalistas de hoje, o jeito Anibal a beça de ser. [...]

Senhoras e senhores, sob o signo de áries, às 10h40 do dia seis de abril do ano cristão de mil novecentos e cinquenta e três, nasci do bendito ventre da professora e mulher admirável Leonor Santiago. No meu gens, trago com orgulho (inabalável) a retidão de caráter de meu pai, Fuent Paulo Mourão. Com eles aprendi que ser é infinitamente melhor que ter. Cresci vendo o casal fazendo da profissão de ensinar, tal qual Aníbal

Theóphilo, um sacerdócio. Além da ética, cultivada no seio familiar, meus pais mostravam e demonstravam que somente o saber dignifica, liberta o pensamento e solta as amarras da ignorância. Algumas vezes, pelas mãos do professor Mourão estive aqui, ainda uma menina, na Casa de Adriano Jorge, e pensava sonhando: “aqui é o meu lugar”! Trabalhei arduamente para que este sonho se concretizasse. O que estou vivenciando neste momento, vale mais que qualquer fortuna material. Ingressar na Academia Amazonense de Letras considero uma fortuna intelectual que sempre busquei na minha vida profissional. [...]

Por fim, vou aos agradecimentos. Em primeiro lugar, a Deus, que segura firme nas minhas mãos e mostra que sempre há uma luz no fim do túnel! Obrigada aos meus filhos, minha família, meus amigos queridos, colegas de trabalho que sempre me incentivaram a buscar e realizar o sonho sonhado. Muito obrigado aos acadêmicos que votaram para me eleger, entre eles, o saudoso acadêmico Demóstenes Carminé. Tenham absoluta certeza que tudo farei para dignificar cada voto recebido.

Agradeço ao Presidente José Braga por incentivar, sem nenhum preconceito, o ingresso de mais uma mulher para compor a plêiade estelar da intelectualidade amazonense. [...] Agradeço ao escritor Tenório Telles pela paciência em mostrarme como caminhar pelas trilhas, algumas vezes tortuosas [...] Obrigada ao acadêmico Roberto Braga, por seus telefonemas, nas manhãs de sábado, ora informando da sua crônica sobre o patrono Aníbal Theóphilo para ser fonte de pesquisa, ora por ver o tempo esvaindo-se e este discurso ainda por fazer. [...] Mas, senhoras e senhores, consegui! E assim fez-se e cumpre-se uma etapa do meu destino. Da minha história. A todos, minha gratidão!”